

com monet  
a pintura se transfigura  
se transpintura  
se ruptura:  
    cores  
    esse novelo abissal  
    de cores onde um  
    sol pode estar  
    farfalhando luz  
    na tônica da  
    palavra nenúfar  
    ou declinando a sombra  
    áureo-satúrnea desse  
    outro (si mesmo) nome  
    floral: nelumbo  
    tudo isso vindo a  
    ser uma  
    azul pantera sub-  
aquática  
    cujo rugido emerge  
    como que enjaulado  
    na câmara de ecos do  
    roxo do violeta do

cianuro do  
cítreo-blau  
mitileno: turquesa tirante a  
ônix de tão turva  
até ao verdeazul  
mais suave aqui  
(suave) a  
ensafrir-se

ruge a pantera submersa  
e o que aflora  
é a colméia explosiva  
das ninféias  
em tenebras noturnas ou  
já aurorescendo rododáctilas  
ao toque puníceo do  
agílimo pincel capaz de estrias  
de vênulas de tachas  
de borrões turbinosos  
e moventes

monet septuagenário?  
– *plus quam*:  
octogenário!

sob o amplo chapéu de abas-  
-quebra-sol  
gigante barbibranco  
– o olho convalescendo  
de expulsa nivosa ca-  
tarata –  
é um que pode  
olhar de frente para o sol  
e reparti-lo  
(como a pupila aquilina  
que não se esbranca  
ao encarar  
a fulva combustão do astro  
hélíco-fogoso)  
e reparti-lo em  
canteiros de flores-  
-cores no seu  
jardim (não sus-  
penso) de givenchy  
edêneo onde  
passando a ponte de  
bambu o mestre  
(ele)  
joga seu jogo extremo –

bate-se  
armado de um punhal –  
pincel em prisma –  
contra o escuro  
a iminência do escuro  
a negrescente oclusão da  
não-cor  
e no transcéu então  
inscreve a nova  
constelação (entre a ursa  
– a menor e a maior –) das  
*ninféias*